

"Fomos vítimas de um linchamento"

Secretário acusa Ministério Público de atuar de forma político-partidária nas investigações sobre a Saúde do DF

JAIRO VIANA

O secretário de Saúde do DF, Arnaldo Bernardino, afirma que é um homem movido a desafios. Faz um diagnóstico do setor e ataca os críticos que acusam a saúde de prestar mau serviço à população. "Estão fazendo palanque político com a dor alheia", diz. Sem citar diretamente os membros do Ministério Público, ele insinua que os promotores estão a serviço de suas opções ideológicas, sem se importar com a situação da comunidade. "Em 2003 passamos por um linchamento político-partidário", devolve. Fala da reforma do Hospital de Base e do futuro da Saúde no DF. Cobra maior envolvimento da comunidade com a área e mais investimentos do governo federal para atender aos dois milhões de pacientes que vêm de fora para se tratar no DF. Garante que trabalha pelo bem-estar da população, sem distinção.

A Constituição diz que a saúde é um direito de todos e dever do Estado. Como anda o setor no DF?

Não se faz saúde com papel. O ideal é que tudo que está escrito fosse cumprido. Acho que o que a Constituição define está certo. Porém o Estado somos todos nós. É preciso que tenhamos a responsabilidade em todas as áreas e setores para que todos tenham saúde. Mas tem um detalhe, o Estado é limitado. Os investimentos na saúde são feitos com dinheiro federal, estadual (distrital) e municipal. Aqui no DF, se baseamos em 2003, o que aconteceu foi o seguinte. Nós fizemos mais do que podíamos e caminhamos praticamente sós.

Isto significa que o SUS repassou poucos recursos para a saúde do DF?

Na verdade, o dinheiro que o SUS repassa não é suficiente para bancar a saúde em nenhuma unidade da Federação. Principalmente numa unidade como o DF, onde temos 2 milhões de habitantes e atendemos 4 milhões por ano. Brasília é a capital de todos. E todos que precisam vêm para cá. O que falta, na verdade, são as autoridades tomarem as atitudes corretas para socorrer o DF e fazer com que a excelência que temos implantada possa atingir a todos que procuram a saúde pública do DF.

Quanto o SUS repassou para o DF no ano passado?

Recebemos R\$ 180 milhões, em 2003.

E gastou quanto?

Gastamos em torno de R\$ 480 milhões.

Como o senhor consegue administrar uma área tão sensível, em meio ao fogo cruzado da imprensa e do Ministério Público?

Desde o primeiro dia que assumi a Secretaria de Saúde, tem três pilares que me sustentam. Minha fé e determinação. A confiança que tenho no governo do DF e a recíproca quanto à minha pessoa. A confiança do povo. As pessoas que vão lá reclamar, estão representando um papel muitas vezes instigadas por outras.

Além da falta de recursos quais os outros problemas a Saúde do DF enfrenta?

Na verdade, a Saúde do DF não enfrenta falta de recursos. Temos recursos suficientes para oferecer uma saúde de primeiríssima qualidade, em termos logísticos, de material e medica-

mentos. O grande problema que a Saúde de Brasília enfrenta é que trabalhamos para o Brasil inteiro. Temos um planejamento que é feito somente para Brasília e o lençol tem que cobrir o dobro do planejado. Não tem outro caminho.

O que mais?

Agora, tem outro problema. O sistema de saúde do DF tem 43 anos e não teve como parar para fazer manutenção. Temos a saúde com equipamentos obsoletos, que precisam ser substituídos, as estruturas físicas estão velhas precisam ser reformadas, e a população envelhecendo e precisando cada vez mais de atendimento, surgindo



RENATO ARAÚJO

novas patologias. E nós precisando de mais profissionais, mais especialidades, para fazer rodar esta máquina, temos 25 mil servidores ativos e sete mil inativos, num total de 32 mil. Não estamos nos queixando disso, mas é uma dificuldade, pois somos a única unidade da Federação onde 95% do serviço de saúde é público. Apenas compramos 5% na rede particular. Gostaríamos que fosse 100% na rede pública. Pegaremos de volta o serviço público, como fizemos com a saúde mental, em 2003. Tínhamos uma clínica com 127 pacientes, que eram atendidos fora e foram absorvidos pelo sistema de saúde público.

Como ocorre nos estados?

Isto é diferente, por exemplo, dos outros estados da Federação, onde ocorre o inverso. Eles têm 95% do serviço privado, pago com dinheiro do SUS. Então na falta remédio, porque, se faltar, a culpa é do dono do hospital. Na verdade as autoridades públicas apenas se encarregam de comprar os serviços da rede particular de saúde e pagar no final do mês.

Qual a saída, secretário?

É preciso que a sociedade se envolva não cobrando, não apontando o dedo na direção e acusando. É preciso que a sociedade se envolva economizando remédio, material, protegendo o patrimônio público. Que os prefeitos e vereadores que vão se eleger em 2004, tenham compromisso de atender a própria demanda de saúde, pelo menos a básica. Isso vai ajudar muito o DF. Que é a porta de entrada para o sistema público no Brasil inteiro. Por último, precisamos que a lei seja cumprida. Que tenhamos um tratamento isonômico no governo federal. Que nossas emendas sejam liberadas. Que não sejam contingenciadas, como foi em 2003.

As investidas do Ministério Público são apenas questão política ou têm algum fundamento?

Quem tem que responder isso aí é o Ministério Público. O que eu acho é que o caminho que o MP utiliza, com o argumento de proteger o direito coletivo da sociedade, que é o papel dele, e não o interesse indi-

vidual, que é a atitude que o MP tomou até agora em relação ao DF. Em nenhuma você consegue enxergar os benefícios que a população vai ganhar. Muito pelo contrário. Na verdade são prejuízos quando se cria um clima de desesperança, pois faz com que uma mãe que vai ao hospital público sofra duas vezes. Porque o filho está doente e porque passa a acreditar que aquilo que estão dizendo é verdade. E, aos poucos, começa a ser destruído o melhor serviço público de saúde do País. Desafia alguém a mostrar pelo Brasil afora, uma unidade da Federação que tenha a logística e o investimento em saúde que tem o DF. Lembre-se que, quando assumi, há um ano e três meses, se gastava R\$ 7 milhões em material e medicamentos por mês, hoje se gasta R\$ 12 milhões, quase o dobro. E mesmo assim, ainda não dá.

O que está acontecendo com o Hospital de Base. Está em reforma?

O HBBD tem 42 anos e nunca foi reformado. O que foi acrescentado foram puxadinhos. Dou um exemplo com o acelerador linear (equipamento usado para fazer radioterapia em pacientes com câncer), um aparelho caro que custa US\$ 2 milhões. Ele foi comprado em 1974. Desde 1995, a empresa já deu laudo de condenação do aparelho e só agora compramos outro. O HBDF está em reforma. Contratamos uma empresa para fazer um plano diretor que vai transformá-lo em um hospital de verdade. Estamos dando uma nova vocação para o HBDF, que vai transformá-lo em um hospital com especializações, para deixar de ser um hospital apenas grande, que atende de tudo.

Falta medicamentos?

Quanto à falta de medicamentos, isso é maledicência das pessoas que querem fazer palanque com a dor alheia. Na verdade, as pessoas estavam acostumadas com um sistema, há muito tempo implantado no DF, que era o de fazer compra para quatro, cinco meses, e se fazer estoque. Com isso, a farmácia central ficava abarrotada de medicamentos. Hoje trabalhamos com o sistema de pre-

gação, licitação com ata de registro de preços e recebemos, mês a mês, a quantidade necessária do consumo. Apesar de todas as críticas, temos visto o contrário. Em um hospital que tem 734 leitos, você encontra 900 pacientes internados. O que vejo é superação e não esquecimento.

Quanto foi investido em Saúde no ano passado?

Os investimentos de 2003 foram de R\$ 40 milhões do governo do DF, na recuperação da rede. Este ano, a estimativa é de que invista R\$ 70 milhões em material e medicamentos. Existe um projeto para recuperar todo o sistema de saúde pública até 2006. Nas três esferas: rede logística, estrutura física, móveis e equipamentos de diagnóstico, além de recuperar a parte de atendimento, aumentando o número de profissionais para receber o público.

O senhor identifica algum interesse escuso nessa campanha que existe contra a rede pública de saúde do DF?

Ninguém tem mais dúvida depois de tudo que passei. Deixo bem claro que fui auditado 56 vezes pelo mesmo grupo, em diferentes áreas, e não recebi o relatório da instituição. Só tomei conhecimento por meio de uma emissora de televisão. Não tenho dúvida de que o que passamos em 2003 foi um linchamento partidário, político. Estas pessoas queriam dar uma

contribuição dentro de sua opção partidária, ideológica. Usando a instituição para dar sua contribuição, conforme sua escolha ideológica. Nem o secretário, nem o governador, nem o povo têm dúvida disso. São atitudes partidárias. A confluência dos discursos políticos e dos representantes destas entidades são idênticos. Discurso e intenções são as mesmas.

Não é um crime usar a saúde como um palanque político?

Com certeza. Mas só seria visto como crime se estivéssemos fazendo palanque em cima dos ombros dos outros. Estamos vivendo um Estado amorfo. Vendo que quem atirou pedras está escondendo as mãos com medo de que alguém lhe cobre no futuro.

Um recado para a população?

Vários. Dr. Arnaldo Bernardino Alves é secretário de Saúde por amor, devoção. Sou movido a desafios. Trabalho para a população do DF. Gostaria muito de não ver faltar um só comprimido, que fosse para os pacientes que procuram os hospitais da rede pública, seja de onde for. Saiba que todo o dinheiro que entra no Fundo de Saúde do DF é aplicado de forma econômica, responsável e ética, de conformidade com a lei, para o bem da população. Sou uma pessoa que trabalho para quem precisa. Pois sei o que é necessidade. E sei o que é solidariedade.

